

Teodoro de Carvalho e Silva Castelo Branco

O poeta-caçador

Rogel Samuel

Ele é um poeta camoniano. Teodoro de Carvalho e Silva Castelo Branco, autor da “Harpa do caçador”, nasceu em Barras, em 8 de fevereiro de 1829 e faleceu no dia 10 de julho de 1891. É um poeta clássico, dos melhores da nossa literatura brasileira. E dia virá em que ele vai figurar ao lado dos maiores do Século 19. Seu verso é perfeito, camoniano, como no soneto dedicado ao neto de D. Pedro II:

Despende, ó lira minha, um doce harpejo;

Mitiga por um pouco essa amargura,

A que te habituou a desventura,

Para um canto entoares de festejo.

Pois de um ramo imperial agora vejo

Uma nascente flor, cândida e pura;

A cuja peregrina formosura

Num canto festival hoje cortejo.

De vós, Senhor, descende a flor mimosa,

**A quem ousou oferecer meu canto rude
E beijar-lhe, em vossas mãos, a mão piedosa.
O Eterno Criador sempre lhe ajude
A percorrer a senda gloriosa,
Que ao termo nos conduz da sã virtude.
(1866).**

.....

**Não se iluda: Dia virá em que Teodoro Castelo Branco será
estudado nas escolas.**

Teodoro de Carvalho e Silva Castelo Branco

“Harpa do caçador”

**Teodoro de Carvalho e Silva Castelo Branco, autor da “Harpa do
caçador”, nasceu em Barras, em 8 de fevereiro de 1829 e
faleceu no dia 10 de julho de 1891.**

O CANTO DO CAÇADOR

**Sou filho das selvas, sou tosco, grosseiro,
Sou brusco, selvagem; não sou trovador;
Eu tenho outras lidas, eu tenho outro emprego,
Que em tudo me ajusta: - eu sou caçador.
Se a lira hoje empunho, se solto este canto,
Não queiram tornar-me por um trovador:
Eu canto inspirado das cenas sublimes
Que encantam, que enlevam quem é caçador.
Certeira clavina carrego com arte,
E as aves persigo por longa floresta:
Matreiros veados, ligeiros, sagazes,
Que gosto que eu acho, matá-los à sesta!
Meus simples prazeres, por bailes, teatros,
Torneios e jogos dos homens da praça,
Não troco; não valem torneios e jogos,
Teatros e bailes, os gozos da caça.
A margem de um lago, nas noites de lua,**

Com todo o sossego na rede deitado,
Eu gozo o sussurro da aragem no bosque,
Contemplo os encantos dum céu estrelado.
Mas logo desperto do enlevo sublime,
Ouvindo as pisadas, sutis, do veado;
Na rede me sento, preparo a clavina;
Em torno reparo, - com todo cuidado.
Até que dos bosques, a praia do lago,
Eu noto-o saindo com todo o vagar:
- Aponto a clavina, desfecho sobre ele,
E ei-lo de envolta co'as morte a lutar!
Apenas preparo de novo a espingarda,
Na rede, em sossego, me tomo a deitar:
Contemplo as estrelas, no lago brilhando,
E as nuvens correndo, brincando ao luar.
Eis nota uns estalos ao longe soarem;
Um surdo ruído, que imita o trovão;
Recresce'os estalos, - recresce o ruído:
- Mil vultos descubro, da lua ao clarão.
São porcos bravios, - queixadas chamados,
Que os dentes estalam, qual bomba ao quebrar-se;

Correndo e roncando, do lago - na lama,
A grande manada ja vejo deitar-se.
O tiro certo de novo rebenta;
Seu eco retumba no vasto sertão!
Que gosto que sinto, - ao ver estendidos
Três porcos, e mais, dum tiro, - no chão!
Então a clavina eu limpo de novo;
Depois a carrego com todo o vagar;
Arrumo a patrona , num ramo a penduro,
E torno, em sossego, na rede a deitar.
Contemplo os mais doces, mais simples momentos
Que levo na vida, sem ter que invejar
Recolhe-se a noite; sucede-lhe o dia:
As caças, correndo, vou logo apanhar.
Dum porco roliço, - com a faca cortante,
Retalho, com gosto, mui larga papada;
E noto a gordura, que excita apetite,
E eu como a costela, nas brasas assada.
As peles das caças com varas espicho;
Ao sol as estendo, depois, p'ra secarem;
E quando curtidas, de roupa me servem,

Privando os espinhos meu corpo arranharem.

Meus simples prazeres, por bailes, teatros,

Torneios e jogos dos homens da praça,

Não troco; não valem torneios e jogos,

Teatros e bailes, - os gozos da caça.

De longa cabaça - buzina preparo,

Que em tudo arremeda da onça o roncar;

Com ela, de noite, da casa distante,

E os cães amarrados, me vou emboscar.

Troando a buzina na vasta planície,

Seu eco responde - dos morros além...

Que grato alvoroço! - que gosto indizível!

- Eu ouço que a onça responde também!

Eu deixo que a noite seu manto recolha;

Que a aurora derrame seu frouxo clarão;

Que o astro do dia, do leito se erguendo,

Inunde com luzes o vasto sertão.

Alegre contemplo da aurora a beleza;

O hino que entoam-lhe as aves - cantando;

O zéfiro branda, que - ledó - vagueia,

Das flores - no prado - perfume espalhando.

**E eu calço as perneiras de peles macias;
Depois de calçá-as, eu tomo o gibão;
No ombro a clavina e a rígida lança;
No cinto, de um lado, penduro o facão.
De medo despido, com passos seguros
Com os cães companheiros, - amigos fiéis,
Eu parto, me rindo de vê-los pulando,
Alegres, brincando, em torno a meus pés.
Eu sigo no rumo que a onça roncava;
Seu rasto diviso gravado na lama;
Os cães a perseguem correndo, latindo:
Exploram-lhe o faro, cheirando na rama.
E eu corro com pressa, gritando após eles,
A fim de excitar-lhes coragem, bravura:
Com animo forte, nas brenhas me interno,
Não temo no bosque medonha espessura.
Eu puxo de um lado, do cinto pendente,
Facão afiado, com ele picando;
Eu subo dos morros - ao cimo elevado,
Eu desço p'ra os vales, os cães procurando.
Até que bradarem com força já ouço:**

Que chegue, - que é tempo de a onça matar!

Eu corro contente; desprezo o perigo;

E a hórrida fera já ouço o bramar!

É numa medonha sombria espessura

Que a onça tremenda se acha emboscada;

Dos ramos pendentes das hirtas tabocas

O orvalho desprende-se a cada passada.

Então - de gatinhas - com toda a cautela,

Tomando chegada, na ponta do pé;

Espio no rumo que a ouço rosnando,

Estendo o pescoço, p'ra ver se dou fé.

Mas - ei-la que parte com fúria, bramindo,

Aos cães acossando, querendo-os tragar!

E eles, - coitados! -lá vejo-os correndo:

Com medo, gritando, - vão longe parar!

A onça persegue-os a longa distância,

Rosnando e batendo co'as patas no chão;

Seus roncões medonhos retumbam no vale,

Tal como estampido de horrendo trovão!

Redobra com fúria seus fortes bramidos,

E o orbe em seus eixos parece oscilar;

Os tinidos brutos - do bosque desertam,
E a terra percebo nos pés me faltar! ...
Eu vou de mansinho, p'ra ela me chego;
Parando, - examino ... me tomo a chegar;
Ate que a descubro, deitada, me olhando,
A cauda movendo, já quase a saltar!
E logo que a vejo, que aponto a clavina,
- Na boca terrível, que a morte vomita,
O cão satisfeito, pulando, contente,
Encrava-lhe os olhos, a vista lhe fita.
Até que, de envolta com chamas o fumo,
A morte rebenta, - voando lá vai: -
A hórrida fera, que sangue respira,
- Rugindo, convulsa, sem forças já cai! ...
Então, dum só pulo, chegando-me a ela,
A lança lhe embebo no rígido peito:
O sangue espadana da larga ferida;
Já ela experimenta da morte o efeito! ...
E os cães, quando ouvem do tiro o ribombo,
Arrojam-se à fera, e cravam-lhe os dentes;
Mil vezes a mordem, com raiva, com gana,

**Até que - já morta, - se mostram contentes.
Que gosto indizível de mim se apodera! ...
Que gosto que sinto, na casa ao chegar!...
Alegre, cercado de muitas pessoas,
O horrível combate começo a contar.
Teus bailes, teatros, torneios e jogos
Desprezo, - não quero-os, ó homens da praça!
Só quero que deixes que eu goze em sossego
Dos gratos prazeres que encontro na caça.**

O CAÇADOR METAMORFOSEADO EM SOLDADO

(A Franklin A. de Meneses Dória)

**O rude caçador, que outrora armado
De certa clavina e rija lança,
De afiado facão, pendente ao cinto,
Nas brenhas, sem temor, seu passo avança;**

O rude caçador, que outrora errante
Por ínvias, ermas selvas vagueava
Rodeado de cães, trajando peles,
As feras nos seus antros atacava;
O rude caçador, que mal cuidava
Em fazer consistir sua grandeza
No gozo dessas cenas majestosas
Que nos bosques ostenta a natureza;
O rude caçador, que mal buscava
Concentrar seu sentir, seu gosto e vida
Nessa vivenda descuidosa e grata,
Que não será jamais dele esquecida;
Já de macias peles não se adorna,
Nem do cinto, o facão lhe pende ao lado,
Nem no ombro a clavina e rija lança,
Nem e de um cão, sequer, acompanhado!
Fundiu-lhe o coração, fundiu-lhe a alma,
Ao seu todo fundiu-lhe ardente chama
Desse sagrado fogo, que o devora,
- Do amor da pária, - que a guerra o chama.
Não trepidou sequer um só momento

**Ao reclamo da pátria, ao seu chamado:
Desprezou suas selvas majestosas,
Seus cães amigos, - e se fez soldado!...
Ei-lo que parte; - não vacila o passo:
Vai a morte afrontar em campo armado! ...
Ei-lo que parte; não de cães seguido,
Mas sim de heróis da pátria rodeado!
Uma esperança só lhe assoma ao peito;
Uma esperança só - sua alma encerra:
É ver da pátria a glória aurifulgente,
Ou cair com os seus, - ficar por terra! ...**

O CANTO DO VOLUNTÁRIO

**Em pobre choupana de folhas coberta,
De galas despida, foi onde nasci;
No centro das selvas, num bosque sombrio,
De imensas palmeiras foi onde cresci.
Em luta co'as feras nos antros medonhos,
La onde se abrigam mil tigres sedentos,
Os risos, as graças me foram constantes:**

**Gozei os mais doces, mais gratos momentos.
Do mundo as grandezas, as honras, o luxo,
Seus ricos tesouros jamais desejei;
Com o pouco que tinha, vivia contente,
No peito a cobiça jamais abriguei.
Aos simples prazeres meu peito aspirava;
Na caça encontrei-os; que mais eu quisera?
Mais simples prazeres no mundo não vejo;
Nem mesmo - maiores - o mundo mos dera ...
Gozando os afagos de mãe carinhosa,
No teto paterno vivia contente;
Dum pai ilustrado colhia as lições,
- Ouvia os conselhos dum velho prudente.
Deixei-os! - E certo, - deixei-os com magoa;
Eo pranto saudoso meu rosto banhou!
Deixei-os; que a pátria, se vendo ultrajada,
- "ÀS ARMAS! ÀS ARMAS, MEUS FILHOS!" - bradou.
Corri para as armas; já delas coberto,
- Soldado ofereci-me: - soldado já sou!
E o côncavo lenho , que fumo vomita,
Os mares talhando, - comigo voou!**

**Em luta co' as ondas, num mar tormentoso,
As nuvens, comigo, parece elevar-se;
Outrora impelido ao centro dos mares,
Parece, comigo, querer sepultar-se! ...
Ao choque continuo das ondas bravias,
Já sinto a cabeça em torno rodar;
Um súbito enjôo de mim se apodera,
Que aos tombos, as quedas ... me faz ir deitar!
Terrível moléstia prostrou-me, abateu-me!
Os gelos da morte - cheguei a sentir!..
De meus companheiros a muitos, - coitados!
Num leito de dores - eu vi sucumbir!**

.....

**Em fim aportamos. As forças perdidas
Recobro de novo; começo a marchar
Em busca do campo do fero inimigo,
Que teve o arrojo de a pátria ultrajar!
Mas sendo a viagem extensa e penosa,
A fim de fazê-la, cavalos comprei;
Fiquei sem cavalos, fiquei sem dinheiro:
Ladrões mos furtaram; a pé caminhei!**

**Por montes e vales, por lagos imensos,
A pé e descalço por ínvios caminhos,
Caçando, com sede, os pés lacerando
Nas rígidias pontas de agudos espinhos!
Em pobres barracas, as noites chuvosas
Passando - molhado - em péssima cama;
E outras tremendo, tolhido de frio,
Levando-as deitado até mesmo na lama!
Do sol abrasado, os dias levando,
Em duro exercício ou marchas forçadas;
As noites velando, exposto ao relento,
Em rondas contínuas ou guardas pesadas.
Sofrendo desprezo de guascas grosseiros
Que os brios da pátria não sabem prezar,
Que uma só gota do pérfido sangue
A fim de salvá-los se negam a dar!
E tendo somente por triste alimento
O agro churrasco e o mau chimarrão!
Sofrendo privanças de todas as sortes
Sem que gozar possa a menor distração!
Eis quanto hei sofrido, com o riso nos lábios,**

**Por ti, cara pátria, pois teu filho sou;
E mais eu sofrera por ti - satisfeito,
Que o sangue, que a vida com gosto te dou.
Em premio só peço: - se o fero inimigo,
Em duro combate, meus dias ceifar,
Que a injuria a ti feita, não deixes impune;
Que a morte dum filho tu saibas vingar!
P'ra que reconheça o audaz estrangeiro
Que nos não tememos seus golpes de morte;
Que sabe afrontá-los um bom brasileiro,
Nascido nas plagas ardentes do Norte!**

O SELVAGEM

**Não cinjo um diadema sobre a fronte,
Nem coroas de louros a guarnecem;
Nem mesmo sobre o peito resplandecem
Ricos emblemas de honra e distinção;
Outras são as vantagens de que gozo,
Outros privilégios que me assistem:**

Em quiméricas honras não consistem,
Nem essas quero, que vaidades são ...
Não habito palácios suntuosos,
Onde se nota o luxo deslumbrante;
E onde a prata, o ouro, o diamante,
Por toda parte vê-se em profusão;
Numa humilde choupana abrigo tenho,
Tão pobre, tão singela quanta honrada;
Pelo crime jamais se viu manchada,
Nem teve nela o vício habitação.
Amigos tenho alguns, inda que raros,
Porem mais raros um monarca os tem;
Um só dos meus amigos vale bem
Daqueles dos monarcas - um milhão:
São, pois, os meus amigos - verdadeiros,
Francos, leais, sinceros, dedicados;
Os seus pelo interesse são guiados:
Por ele, seus amigos venderão! ..
E minha pátria a selva majestosa,
Onde pude encontrar felicidade,
Onde, comigo, impera a liberdade,

**Donde foi desterrada a escravidão.
Dos homens não me oprimem vis cadeias:
Sou livre quanto é livre o próprio vento,
As asas solto livre ao pensamento,
Livre conservo sempre o coração.
Desfruto a doce paz, gozo e sossego;
Dos ricos não invejo áureas riquezas;
Do mundo não me cegam vas grandezas;
Nem de seus vícios temo a corrupção.
Sou pobre; porem vivo a meu contento;
Sacio meus desejos moderados,
Enquanto aos ricos noto - atormentados -,
Sem poderem conter sua ambição!**

TRANSFORMAÇÃO

***Teodoro de Carvalho e Silva Castelo Branco (o poeta-caçador)**

**Não pretendas, ó tu que me interrogas,
Saber a causa porque vivo mudo;
Basta que saibas que dizer-te tudo,
Fora impossível, - tentaria em vão!
Dir-te-ei apenas que quebrei a lira...
Que entregues ao ócio o arcabuz descansa!
Jaz desprezada, para um canto, a lança!
Enferrujou-se o cortador facão!**

**Essa buzina que escutavas pasmo,
De sustos cheio, de terror - tomado,
Já crendo ver-me num momento dado,
Com fero tigre em temerosa ação,
Já não provoca o canguçu potente,
Imitando, alta noite, os seus rugidos;
Nem ao menos responde aos seus bramidos,
Quando nos vales ribombando vão!...**

**Os cães valentes, que comigo viste,
Nas grandes lides de sangrenta guerra,
- um após outro - vi cair por terra,
Vítimas sendo de infernal traição:
- Tremenda onça, em ciladas destra,
Da vida o fio lhes rompeu nas patas!...
Hoje? - campeia, sem temor nas matas,
Nas mesmas matas, que temera então!...**

**Rompi as vestes de macias peles,
Com que nas brenhas penetrava ousado,
Buscando as feras no seu próprio estado,
Onde os mais fortes, mais ferina são!...
Hoje - recordo com pesar acerbo,
Os próprios feitos, que cantei na lira;
Inda minha alma, sem querer suspira**

Por essas glórias, que passadas vão!...

.....

Para mim tudo mudou-se!

Todo o meu ser transformou-se;

Tomei ao bosque aversão!

Hoje só busco acabá-lo,

A ferro e fogo arrasá-lo,

Torná-lo em cinza e carvão;

Com as foices recurvadas

Vão-se as vergôntees delgadas;

Formando lastro no chão;

Depois - dos rijos machados.

Anosos troncos cortados,

Um por um tombando vão!...

São alguns dias passados,
Do ardente sol abrasados;
Os ramos secos estão;
É tempo pois de queimá-los,
Tomo de fogo um tição.

Já vai o fogo ateando,
E, pouco a pouco, aumentando,
Breve semelha um vulcão!
Sobem chamas pavorosas,
Estrepitantes, ruidosas;
É tudo horror, - confusão!...

Vão densas nuvens de fumo,
Para o céu se erguendo a prumo,

- Do sol se abafa o clarão!

Correm feras - pressurosas,

Espavoridas, medrosas...

E muitas queimadas são!

O imenso combustível,

As chamas com sanha incrível

Devoram, - famintas são!...

Mas, por fim, vão-se acalmando...

Vão-se pouco a pouco chegando

Da queimada o gavião.

Já se nota um grande bando

Diligente, procurando

A sua alimentação;

Lançam-se as serpes queimadas

E as muitas caças - coitadas!

Desfeitas quase em carvão!...

.....

Por longo tempo, pasmado,

O grande estrago causado

Eu notei horrorizado!

Voltei a cãs pensando;

Repassei pela memória

A minha passada glória

Que, só nos fastos da história,

Inda se vai conservando.

De dor e mágoa oprimido,

**Pelos remorsos - ferido,
De susto e frio transido,
- Vi-me prostrado por terra!
Desperto já do letargo,
Deixei correr pranto amargo!
Desejei ter novo encargo,
Que desse direito à guerra!**

**Ser poeta? - era impossível!
Ser caçador? - nem é crível
Julguei, então preferível
Transformei-me em lavrador;
Havendo nisso assentado,
Voltei de novo ao roçado,
Levando foice, machado,
Saco, enxada e cavador.**

**Desde então vou, cada dia,
Destruindo... quem diria!
Sem pesar, sem alegria,
As selvas que tanto amei!
Foi uma resolução
Tomada de coração,
Que já hoje é vocação;
Se obro mal nisso... não sei.**

.....

**Mas sei que assim a vida vou passando,
Sem do mundo ocupar-me e seus cuidados;
Buscando tão somente utilizar-me
Dos frutos que me dão os meus roçados.**

Agora, em conclusão, eu vou dizer-te

Tudo quanto dizer-te acho possível...

O que fica em silêncio a mim pertence:

Não tentes pois saber o impossível!

Não temo de cupido a seta ervada:

O travesso menino não me ofende:

Jamais dum falso deus serei ferido,

Que, em Deus, o verdadeiro, me defende!...